



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

200 anos da Independência do Brasil - Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I - 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG - 170 anos da Batalha de Monte Caseros - 110 anos do início da Guerra do Contestado - 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo - 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso - 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo - Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália - 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.

ANO 2022

Janeiro

Nº 392

170 ANOS DA BATALHA DE MONTE CASEROS - Uma breve abordagem -

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM – Presidente da AHIMTB/RS

Registramos, a 03 de fevereiro deste ano de 2022, os 170 anos da Batalha de Monte Caseros, ocorrida na região de Morón, 30 Km a sudoeste de Buenos Aires e também conhecida como Batalha de Morón ou ainda como Batalha da Quinta dos Santos Lugares. Foi travada entre as tropas do ditador argentino JUAN MANUEL ORTIZ DE ROSAS e as tropas Aliadas (Argentina, Brasil e Uruguai) do opositor, também argentino, Gen JUSTO JOSÉ URQUIZA e vencida por este.

Esta batalha foi a principal e também a final da campanha contra Rosas, que ameaçava incorporar à Argentina, então Províncias Unidas do Rio da Prata (PURP), o Uruguai e o Rio Grande do Sul, reconstituindo assim o antigo Vice-Reinado do Rio da Prata. O ditador contava com o apoio da Inglaterra, que tinha grandes interesses no Prata.

Rosas contava com 24 mil homens e os Aliados com 26 mil, sendo 20 mil argentinos, 4200 brasileiros e 1800 uruguaios. O efetivo brasileiro era 1/6 do total, mas foi o mais importante para a vitória, com a Divisão Brasileira, comandada pelo Brigadeiro MANUEL MARQUES DE SOUZA III e formada por duas Brigadas de infantaria, o 2º Regimento de Cavalaria, comandado pelo Tenente-Coronel MANUEL LUIZ OSORIO, hoje Patrono da arma, e o 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, o famoso "Boi de Botas", com 200 homens.

O comandante deste RACav era o hoje Patrono da Artilharia, EMILIO LUIZ MALLET, e pertencia à 4ª Divisão de Cavalaria, comandada pelo Brigadeiro DAVI JOSÉ MARTINS CANABARRO, um dos comandantes rebeldes da Guerra dos Farrapos. Embora Canabarro e

Mallet não estivessem presentes à Batalha, o RACav fez jus aos seus nomes, comandado pelo Maj Joaquim Gonçalves Fontes.

Distribuídos entre as tropas brasileiras de Infantaria estavam 100 atiradores de elite prussianos, usando os modérrimos fuzis Dreyse de agulha (percussor).

Os Aliados formavam assim o chamado Grande Exército Libertador da América do Sul, para livrar a Argentina da opressão e megalomania do ditador Rosas, no poder desde 1829, e que havia tentado, sem sucesso, interferir na Guerra dos Farrapos.

A marcha para a concentração Aliada, antes da batalha, foi caracterizada pela difícil transposição do Rio Paraná, que durou cerca de 15 dias.

Rosas montou seu dispositivo com a tropa formando uma cunha com o Arroio Morón, a Art protegida por parapeitos, atiradores de escol nas sotéias (terraços) das casas da povoação e ainda duas Divisões de Cavalaria na Reserva. O ponto mais forte era o centro. A sua Art era bem superior à nossa.

Urquiza colocou os Aliados em linha oblíqua, com os uruguaios à direita, a Divisão Brasileira (DB) no centro e os argentinos à esquerda, reforçados estes com o 2º RC de Osório.

Enquanto isso, CAXIAS, que era o Comandante do então 1º Distrito Militar, hoje 3ª RM, estava acampado na Colónia do Sacramento com 16 mil homens prontos a intervir, se fosse necessário.

A batalha começou às 0600 horas com troca de tiros de armas leves. O 2º RC foi lançado pela esquerda para chamar a atenção do inimigo, enquanto a direita transpunha o Arroio Morón. Rosas resistiu a este primeiro golpe.

Em seguida, os Aliados fizeram o centro e a direita girarem sobre o próprio flanco direito e a Divisão Brasileira atacou o centro de Rosas enquanto a nossa direita atacava a esquerda inimiga.

Nesta hora houve um retardamento do avanço da infantaria uruguia e o Brig Marques de Souza manda a 1ª Bda Inf reforçar, mas esta acaba ultrapassando os orientais e conquistando a posição inimiga. Enquanto isso a 2ª Bda Inf atacava pela frente e colocava os argentinos em fuga.

O centro foi rompido às 1100 horas. O 1º RACav (o Boi de Botas) bateu a Art de Rosas e sob a sua proteção os prussianos e caçadores brasileiros expulsaram à baioneta os argentinos e tomaram as sotéias. Osorio ainda fez uma carga com seu Regimento, venceu os argentinos e arrebatou uma bandeira de Rosas. E, depois de mais alguns entreveros, às 1300 h "não havia mais inimigo a combater".

Toda a Art, munições, equipamentos, fardamentos, armamentos, carros, carretas, cavalos, etc. caíram em poder dos Aliados. Foram feitos sete mil prisioneiros.

Na verdade, a resistência de Rosas não foi tão forte como se esperava, considerando-se a superioridade do armamento e a posição defensiva assumida.

Os Aliados perderam 250 argentinos, 18 brasileiros (dois oficiais e mais 16 entre sargentos e soldados) e 19 uruguaios.

Rosas fugiu para não ser encurralado. No caminho para o Porto de Buenos Aires renunciou em um papel escrito à lápis. Embarcou em um navio inglês e refugiou-se em Londres.

A Divisão Brasileira desfilou nas ruas da capital, ovacionada pelo povo portenho e logo depois embarcou nos navios da nossa Esquadra, retornando à Pátria com a missão cumprida. Urquiza, em agradecimento, saudou o Brigadeiro Marques de Souza da seguinte forma:

"Quando a história, traçando o horrível quadro da ditadura argentina, tributar o merecido elogio aos libertadores desta terra, o nome de Vossa Senhoria e de seus valentes companheiros de armas, ocupará o honroso lugar que lhes compete, como dignos aliados da civilização e da liberdade".

Em consequência desta vitória, foram definidos os limites Brasil-Uruguai, confirmou-se a independência do país oriental, foi reparada a espoliação de brasileiros residentes naquele país, antes dominado pelo ditador Manuel Oribe, aliado de Rosas, e restabelecido o direito brasileiro à livre navegação no Rio da Prata, fechada desde 1842. E o General Urquiza governou a Argentina até 1860.

Fontes:

BENTO, Claudio Moreira. História da 3ª RM, vol. 1. Porto Alegre: 3ª RM/Qualidade, 1994.

PESSOA, Corina de Abreu. Cartas de Montevideo. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1953.

RIO BRANCO, Barão do. Efemérides Brasileiras. Brasília: Senado federal, 1999.

DONATO, Hernani. Dicionário das Batalhas Brasileiras. São Paulo: IBRASA, 1996.

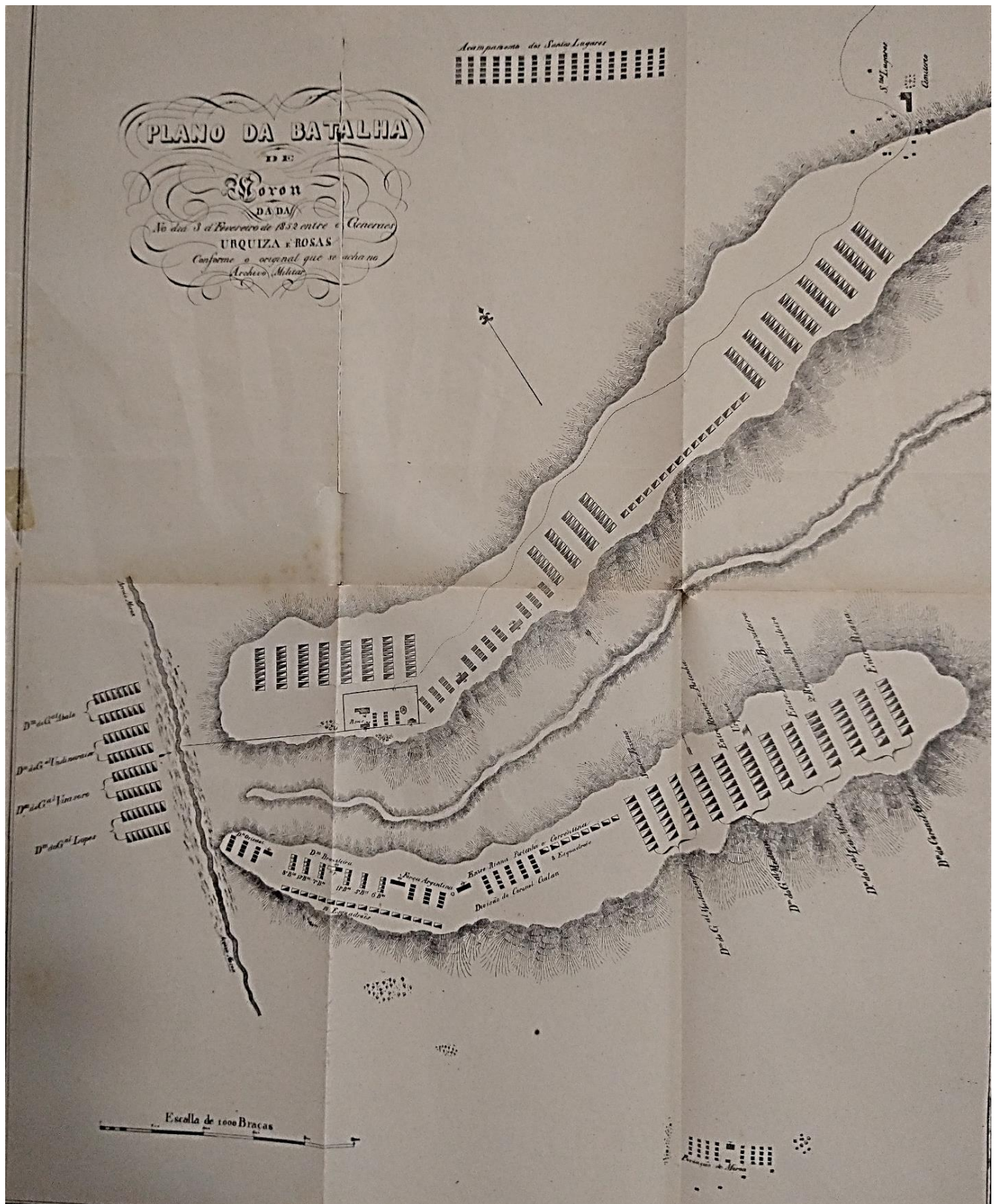
VASCONCELOS, Genserico. História Militar do Brasil. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1941.



Osorio em Monte Caseros (Fonte: Cel PPC Estigarribia)

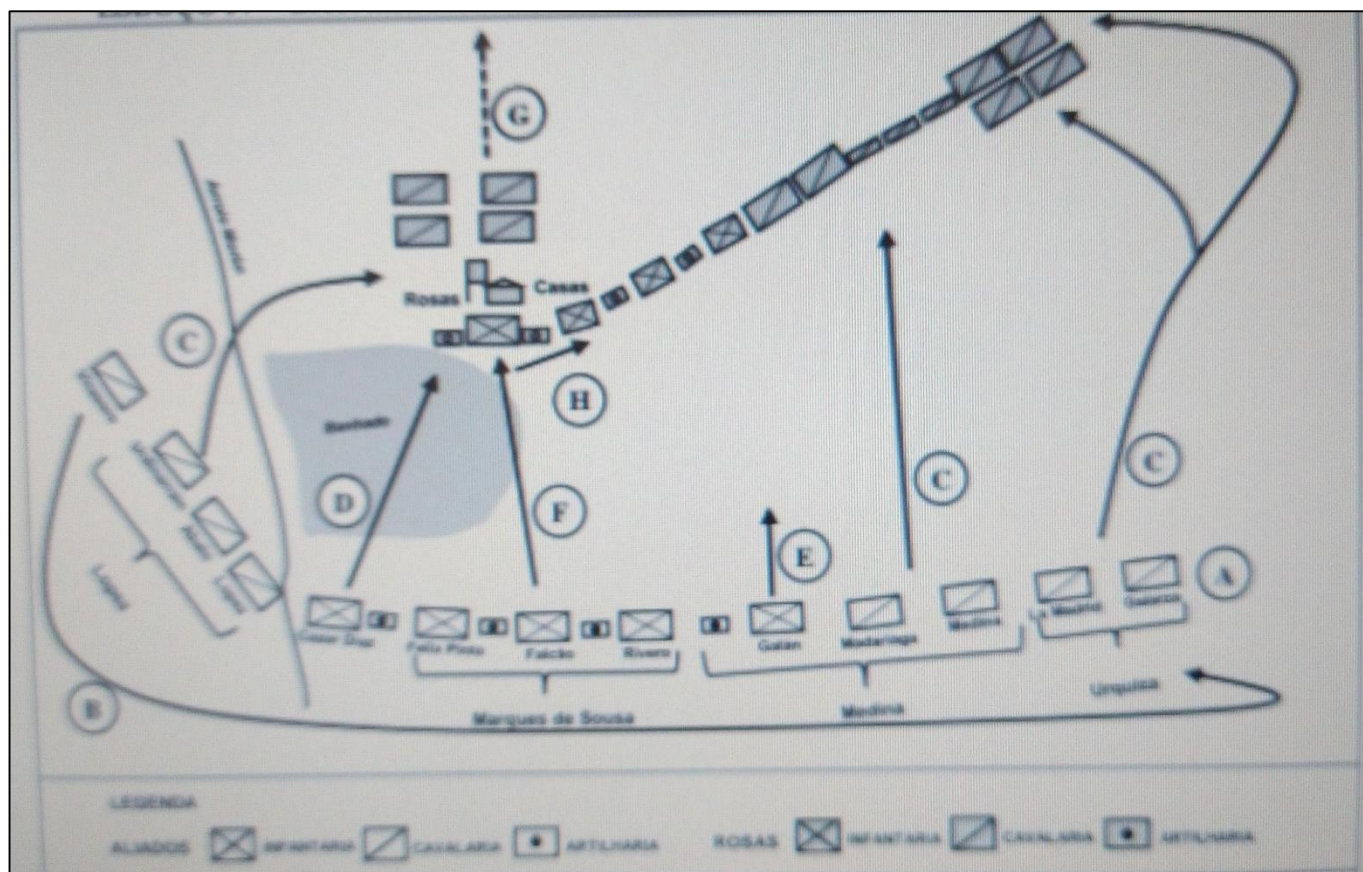


Na página seguinte, o Plano da Batalha, conforme o livro do Major Ladislau dos Santos Títara – Memórias do Grande Exército Aliado Libertador do Sul da América. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1950.



Ao norte do arroio: as forças rosistas. Ao sul, as tropas aliadas. A oeste, o corte do Arroio Morón.

Abaixo, outra imagem do dispositivo.



Rússia: resposta estratégica multidimensional às provocações da OTAN

LORENZO CARRASCO E GERALDO LUÍS LINO, do Movimento de Solidariedade Ibero-Americana, Nov 2021

A estratégia dos EUA e seus aliados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para provocar uma escalada de tensões nas fronteiras da Federação Russa, na Ucrânia, Cáucaso e Mar Negro, acaba de receber como resposta uma clara mensagem militar, de que um eventual conflito real não seria travado apenas "no terreno", mas em um cenário bem mais amplo, inclusive, no ambiente espacial. Este é o significado da destruição de um antigo satélite de reconhecimento russo desativado por meio de um míssil antissatélite disparado em 15 de novembro pelas Forças Aeroespaciais Russas.

A ação militar se seguiu à decisão do presidente Vladimir Putin de não responder às provocativas manobras navais da OTAN no Mar Negro com contramanobras da Marinha Russa, a exemplo do episódio envolvendo o destróier britânico *HMS Defender*, em junho último. Além de evitar atritos desnecessários, pois as manobras ocorrem em águas internacionais, ninguém (principalmente, os estrategistas da OTAN) ignora que em uma situação bélica real a sobrevivência de quaisquer belonaves inimigas na área seria contada em minutos. Jogando com uma combinação de paciência estratégica e firmeza, o Kremlin espera que a sua ostensiva superioridade tecnológica e a demonstração de determinação em não deixar que a linha vermelha já traçada seja atravessada, funcionem como elementos dissuasórios contra eventuais atos desesperados de insanidade estratégica de um sistema hegemônico declinante.

O novo míssil é o mais recente acréscimo ao sofisticado arsenal de armas avançadas com as quais a Rússia se empenha em assegurar uma superioridade tecnológica decisiva, com ênfase em mísseis hipersônicos de longo alcance, contra os quais os EUA e seus aliados da OTAN não têm quaisquer defesas efetivas. Revelada pelo presidente Vladimir Putin, no histórico discurso de 1º de março de 2018 no Parlamento Russo, essa nova geração de armamentos avançados representa uma resposta "assimétrica" ao cerco físico e às provocações dos EUA e seus

prepostos, com um orçamento militar que não passa de uma pequena fração do dos seus autoproclamados adversários.

Com a destruição do satélite, Moscou transmitiu o recado claro de que tem meios para "cegar" os satélites adversários no caso de um conflito real, ao mesmo tempo em que pode lançar devastadoras salvas de mísseis hipersônicos virtualmente invulneráveis, cujos alvos primários seriam os centros de comando e controle da Aliança Atlântica, como o próprio Putin já afirmou publicamente em mais de uma ocasião.

A demonstração russa provocou uma tsunami de condenações em capitais ocidentais, começando, evidentemente, por Washington. O comandante do Comando Espacial dos EUA, general James Dickinson, trovejou:

"A Rússia demonstrou uma desconsideração deliberada pela segurança, estabilidade e sustentabilidade a longo prazo do domínio espacial de todas as nações. Os detritos criados pela arma anti-satélite da Rússia continuarão a representar uma ameaça às atividades no espaço exterior durante anos a fio, colocando em risco satélites e missões espaciais, além de forçar mais manobras para evitar colisões. As atividades espaciais estão na base do nosso modo de vida e esse tipo de comportamento é simplesmente irresponsável (USSC, 15/11/2021)".

Declarações semelhantes foram feitas pelo Departamento de Estado, o Pentágono, o administrador da Agência Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA), o secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e os governos do Reino Unido, Alemanha e França. A ministra da Defesa francesa, Florence Parly, chegou a chamar os, russos de "vândalos espaciais" (France24, 16/11/2021).

Órgãos midiáticos ocidentais se esmeraram em vincular o caso a uma manobra feita pela Estação Espacial Internacional (ISS) (cuja órbita se situa a cerca de 220 Km abaixo da do satélite destruído) para evitar um detrito detectado em sua direção, mnais provavelmente oriundo de um antigo satélite chinês desativado.

Testes de armas anti-satélite não são exclusividade russa, já tendo sido feitos peia China (2007), EUA (2008) e Índia (2019), embora contra alvos em órbitas bem inferiores à do satélite russo destruído. De acordo com o analista militar russo Andrei Martyanov, os motivos da reação apoplética de Washington não se devem a uma infundada preocupação com a segurança da ISS, mas ao fato de o surpreendente desempenho do míssil A-235 Nudol representar uma ameaça direta às constelações de satélites militares de reconhecimento estadunidenses, inclusive a celebrada Starlink da empresa SpaceX do bilionário Elon Musk, situada em altitudes da ordem de 550 km (o satélite Cosmos-1408 destruído orbitava a 645 km de altitude). Segundo ele, a capacidade demonstrada pelo míssil significa "o fim do sistema estadunidense de órbita baixa para monitorar lançamentos de armas hipersônicas (Reminiscence of the Future, 16/11/2021)".

Para reforçar o "recado", na quinta-feira 18, a Marinha Russa efetuou mais um teste do míssil antinavio hipersônico Zircon, capaz de atingir alvos navais e terrestres a 1.000 km de distância a uma velocidade de Mach 9 (nove vezes a velocidade do som), A arma pode ser disparada tanto de navios de superfície, como nesse caso, ou de submarinos.

No mesmo dia, em um discurso em Moscou, Putin observou que "a OTAN rompeu de forma pró-ativa todos os mecanismos de diálogo" e advertiu que o país "reagirá adequadamente" às atividades militares da Aliança, próximo às suas fronteiras: "Que não se lhes ocorra organizar qualquer conflito desnecessário nas nossas regiões ocidentais. Não necessitamos de conflitos (RT, 18/11/2021)".

A advertência russa de que uma, nova guerra "quente" seria travada em todas as dimensões espaciais, ao contrário das duas guerras mundiais.(nas quais os EUA se mantiveram intocados), deveria ser uma indicação que não há a possibilidade de triunfo militar de uma, potência sobre outras, que não implique na destruição da civilização.

Esta é uma realidade, incontestável, que deveria conduzir ao estabelecimento de uma ordem mundial cooperativa centrada no respeito aos Estados nacionais soberanos - mas para a qual os formuladores de políticas de Washington, Londres, Bruxelas, Paris e Berlim, em especial, precisam se convencer.

Editor:

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
(lecaminha@gmail.com)**

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes: <http://historia-patriota.blogspot.com/>.